

humanitas



Vol. LXII
2010

risco de ambiguidade com o uso trivial do termo torna-se patente no texto apresentado: pouco antes (504e) ocorre o termo “ideia” na sua acepção comum, a traduzir pertinentemente *dianoema* e, em 560c, *logoi*. A optar pela equivalência de *eidos* a “ideia”, será preferível então eliminar o recurso ao seu uso genérico (isto é, não ontológico), a fim de evitar confusões de ordem conceptual que, neste caso, o original não levanta¹⁹.

Uma nota, por último, respeitante à bibliografia. Sem prejuízo do objectivo primeiro de compreender e enquadrar o texto na sua dimensão filosófica e cultural, seria desejável que alguns trabalhos mais recentes tivessem sido contemplados. Referimo-nos, entre outros, à edição crítica de S. R. Slings (*Platonis Respublica*, Oxford 2003) e a duas obras expressamente dedicadas ao diálogo: J. Annas, *An Introduction to Plato's Republic* (Oxford 1981) e G. Ferrari (ed.), *The Cambridge Companion to Plato's Republic* (Cambridge 2007).

Estes reparos pontuais não empenam a qualidade da presente versão e do seu estudo introdutório, cujo contributo para os estudos platónicos, no universo de leitores de língua portuguesa, desejamos aqui saudar.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

PLINIO II Giovane, *Lettere scelte*, con commento archeologico di K. Lehmann –Hartleben, introduzione di Paul Zanker, aggiornamento bibliografico a cura di Anna Anguissola. Pisa, Edizioni della Normale, 2007, xxviii + xiv + 76 pp.; ISBN 978-88-7642-197-6.

Trata-se da reedição da antologia de 35 cartas de Plínio o Moço organizada e comentada por K. Lehmann –Hartleben com mestria invulgar e originalmente publicada em Firenze, G. C. Sansoni, 1936.

¹⁹ Um exemplo bem ilustrativo da ambiguidade entre *ideia* na acepção comum, e *ideia* como equivalente ao *eidos* platónico pode ver-se nos comentários críticos de Pessoa, vários deles respeitantes à *República*, insertos nos *Textos filosóficos I* (ed. de A. de Pina Coelho, Lisboa s/d). O conhecimento, que efectivamente Pessoa possuía, de serem as Ideias realidades *de facto*, com existência à parte das coisas sensíveis, não impede equívocos como este: “Dizer que as ideias e as coisas são reais, umas mais do que as outras, é evidentemente mau juízo, não só porque o mundo *nos surge por ideias* mas também porque a realidade não tem graus ... “(p. 88, sublinhado nosso).

Não obstante o passar dos anos, esta obra destinada essencialmente a estudiosos de arqueologia, além de apontamentos de crítica textual, revela uma grande sensibilidade pessoal e uma enorme adequação pedagógica. Ninguém fica indiferente à variedade das escolhas, onde predominam títulos sobre fenómenos da natureza, desde inundações à célebre erupção do Vesúvio, referências a grandes obras, como cloacas, portos, canais, aquedutos, teatros e ginásios, templos e termas, bibliotecas e pórticos, *villae*, e ainda monumentos funerários, retratos, estátuas, jóias (artes figurativas). O conjunto encerra com uma selecção de aforismos estéticos que ajudam a compreender o gosto literário e retórico de Plínio o Moço.

O comentário, essencialmente arqueológico, como já foi sublinhado, e de grande riqueza, procura ensinar ao estudante “il metodo di interpretazione del testo coll'aiuto delle fonti antiche parallele, dei monumenti antichi e della letteratura scientifica moderna” (Prefazione, p. VI).

É neste domínio que merece destacar-se a excelente pesquisa bibliográfica (1936-2006) realizada por Anna Anguissola e exclusivamente dedicada às cartas seleccionadas. A listagem propriamente dita, com 139 títulos, é precedida de uma apresentação dos critérios de selecção das epístolas (paisagem natural, catástrofes naturais, funções edíficas públicas, correspondência entre Plínio e Trajano, vias, obras de arte, aforismos estéticos) e de uma resenha crítica por grandes temas: paisagem e fenómenos naturais; administração cidadina; as propriedades de Plínio; outras cartas com conteúdo de interesse histórico-artístico.

A introdução da autoria de P. Zanker é uma emotiva homenagem ao classicista e arqueólogo que, perseguido pelos nazis, saiu da Alemanha para a Itália e depois para os Estados Unidos, em 1935, aí se fixando definitivamente, mas sem perder os elos que o ligavam a Pisa.

FRANCISCO OLIVEIRA

PLUTARCO, *Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas de José Luís Lopes Brandão. Coimbra, CECH - *Classica Digitalia*, 2010.

J. L. Brandão acaba de traduzir uma das obras de Plutarco (c. 50 - c. 120), que sobreviveu na totalidade de entre as *Vidas dos Césares* que o autor terá escrito. A obra agora traduzida pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Classica Digitalia vem precedida de uma introdução completa